

ORAÇÃO DE ABERTURA DOS CURSOS

PROF. EDGARD PIRES DA VEIGA

(Catedrático de Farmacologia)

Sursum Corda! É justo que graças rendamos por se abrirem as portas do ano letivo de 46, sem o troar dos canhões, sem o matraquear das metralhas, sem o ruído tétrico dos aviões de combate. O nazismo foi esmagado, o totalitarismo destruído. Desponta nova aurora para a humanidade. Estamos em paz!

Paz por que tanto almejamos há seis longos anos. Paz que trará para a comunidade universal época de justiça social e cristã.

Dizia Vieira: "Todas as guerras deste mundo se fazem afim de conseguir a paz. À guerra se aplica a sabedoria, na guerra se emprega a potência, com a guerra se despendem as riquezas e com a guerra se pretende a paz. Mas é engano. *Viam pacis non cognoverunt*. A paz não se conquista com exércitos armados, conquista-se com uma só espada e com dois escudos: com uma só espada que é a da justiça e com dois escudos que são duas balanças".

Proféticas palavras, oportunas na hora presente, em que se esforçam as grandes nações para dar ao mundo a pretendida felicidade social.

Elevemos ainda bem alto os nossos corações agradecidos à divina Providência, que nos reconduziu ao convívio das nações democráticas.

Caiu a ditadura, esborôa-se a máquina ditatorial que cobriu de luto a nossa história.

Tivemos eleições que julgamos livres; no entanto, talvez se lhes ajuste o conceito do grande Vieira, quando afirma: "Digo politicamente que nas nações se hão de fundar as eleições. Digo espiritualmente, que nas ações se devem figurar as predestinações. As eleições ordinariamente fundam-se nas gerações e por isso se acertam tão poucas vezes".

Não importa o resultado, porque temos enfim um parlamento constituinte, onde verdadeiras expressões da política nacional buscam dar ao Brasil uma Constituição. Prestigiemo-lo com o nosso apoio e com o nosso estímulo. Abandonemos as dissensões pessoais e o derrotismo esteril e improfícuo, colaborando a todo poder que possa, para que a nossa carta magna em elaboração seja equilibrada de acôrdo com a evolução social por que lutaram os povos democráticos. Uma constituição que traga ao Brasil uma nova era, "onde os ricos sejam menos poderosos e os pobres menos sofreadores".

Colenda Congregação: — Obedecemos, ainda assustados e confundidos, à honra da eleição que nos elevou até aqui. Incapaz de ambiciona-la, nem sequer sonha-la, achamo-nos todavia desarmado para lhe resistir. Cativos à espontaneidade, aqui estamos, entre confusos e admirados, repetindo a frase de um orador em idêntica circunstância: "Peza-me o mêdo de redizer coisas que todo o mundo sabe, em estílo que todo o mundo tem".

Exm.^o Snr. Diretor Interino, representante do Prof. Edgard Santos: Meus Senhores, cada vez mais se afirma o que disse dirigindo-se ao Prof. Edgard Santos, Pinto de Carvalho, em solenidade como esta: "Bem está V. Excia. onde se encontra, Senhor Diretor".

Repetimos. Bem está, porque tem reaparelhado a nossa

querida Faculdade. Bem está, porque, esquecendo interesses pessoais, peregrina de ministério em ministério em busca de melhorar verbas e ampliar o seu corpo docente. Bem está, porque demonstra sempre clarividência de espírito superior, nítido e exato conhecimento dos homens e das coisas. Bem está o Diretor no lugar onde se encontra, por nos ter dado o magnífico Hospital das Clínicas e Escola de Enfermagem, libertando-nos em breve de sofrer as malquerenças de quem anda de empréstimo em casa alheia. Só não enxergam a sua obra os cegos da escritura. Ela está esplendidamente esculpida no granito.

Por tantos e tais títulos, é o Prof. Edgard Santos credor do nosso respeito e da nossa gratidão.

Respeito que devemos em obediência à hierarquia.

Respeito ao administrador impar e ímpoluto.

Respeito, enfim, ao homem cuja lhanza no trato é sobejamente conhecida.

Sua Excelencia já conquistou nossa gratidão, ocupando por isso lugar de honra na augusta galeria dos varões ilustres desta casa.

É dever de justiça enaltecermos também a colaboração que o atual ministro da Educação sempre emprestou à Diretoria da Faculdade. Foi S. Excia. o idealizador do plano do Hospital das Clínicas, da Escola de Enfermagem e mais do Centro Médico Bahiano.

S. Excia. não é um improvisado. Já do consenso unânime, a sua experiência em assuntos educacionais. Afirmou-se como administrador na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo, organizando-a didática e financeiramente. As múltiplas comissões, que mui justamente têm tido no estrangeiro, proporcionaram-lhe visão bastante para dar ao Ministério que

dirige um programa administrativo moderno e eficiente. Esperamos que S. Excia. continue a olhar para esta velha Escola com o carinho que sempre manifestou.

Meus Senhores: Fala-nos Renan de uma velha Cidade de Is, tragada há milênios pelo mar e da qual, nos dias tempestuosos, pontas de flexas de igrejas, no concavo das ondas, repicam matinas ou dobram finados.

Temos todos no fundo do coração uma Cidade de Is.

Plangem hoje os seus sinos na saudade dos nossos que se foram.

Ronda, de 37 para cá, esta escola a Parca inexorável. O primeiro a tombar foi Bezerra Lopes, o grande mestre, que ainda vive na reminiscência e na suadade de todos nós. Seguiram-se-lhe nove outros e dos mais eminentes.

Os últimos Leoncio Pinto e Durval Gama.

Meus Senhores, José Ingenieros, o notável pensador portenho, num lampejo de inteligência diz-nos: "Todo idealista é homem qualitativo, possui um sentido das diferenças que lhe permite distinguir, entre o mau que observa e o melhor que imagina. Sem idealistas seria inconcebível o progresso".

Bem se ajusta a Leoncio o pensamento de Ingenieros. Leoncio foi um idealista. O grande beneditino da ciência, no dizer elegante de Magalhães Neto, viveu toda a sua existência em busca do ideal científico.

A schistosomose foi o boi-tatá de sua vida.

Estudou-lhe todas as formas e modalidades. A sua atividade intelectual marcada está, fartamente, nos vários trabalhos originais que legou à admiração dos pósteros, todos profundos na erudição, sem iguais na probidade científica e sempre elegantes na linguagem.

Diremos dele o que já dissemos de Bezerra Lopes: —

“Permanecerás vivo como um exemplo e como uma bênção, na memória dos homens, que te cultuarão *ad immortalitate*”.

Meus Senhores, os maiores espíritos são os que associam as luzes do intelecto às magnificências do coração.

Durval Gama foi um desses. Era todo sentimento, estendia à Faculdade as afeições do lar.

Mestres de várias gerações, nunca desmereceu as catedras que ocupou, conquistadas após disputados concursos.

Caráter de escol a serviço da causa democrática. Sempre se bateu contra toda espécie de coação do pensamento. Sua vida foi e continuará a ser uma vantajosa lição para a mocidade.

Meus Senhores, acaba a nossa Faculdade de perder um de seus mais ilustres docentes livres, Dr. Adelmo Machado, que por muitos anos foi também assistente do Prof. Bezerra Lopes, tendo lecionado ainda, com proficiência, Botânica no curso de Farmácia: — à sua memória, as nossas sentidas homenagens.

Senhores estudantes de Farmácia, Odontologia, e Medicina. A guerra, pesar suas tristezas e devastações, apressou, não há negar, o desenvolvimento das ciências médicas e paramédicas. O fenômeno que hoje observamos não é novo. Na guerra de 14 o mesmo sucedeu. A última, porque maior, chegou a marcar uma era, — a era atômica —, definitivamente estabelecida a partir de 5 de maio de 1940.

Impossível prever-se até onde atingiremos com a energia atômica. O horizonte que se avista ultrapassou a imaginação do homem.

Deixemos, todavia, a desintegração do atomo e relançemos os olhos pelos progressos da Farmácia Industrial.

As velhas boticas, tanto do sabor dos vetustos piluladores, são hoje substituídas pelos grandes laboratórios. Não nos refe-

rimos, é bem de ver, a certas fábricas de especialidades, que, em aguas furtadas, exploram a ineptia e ignorância dos pobres doentes. Deveria haver uma polícia científica para coibir tamanho abuso.

Reportamo-nos tão só aos laboratórios industriais, onde uma pleiade de pesquisadores fazem verdadeiros milagres nos domínios da química.

Tomam velhos medicamentos, como o arsenico e antimónio, e dão-lhes nova indumentária.

O arsenico, nas suas valencias máxima e mínima, vem revestido de vários radicais orgânicos, formando as arsinas e os arsonios. Os primeiros usados na guerra química como poeiras adsorvíveis e os últimos na quimioterapia das espiriloses e amebíase.

Reduziu-se, assim, a toxidade do arsenico, aumentando a sua especificidade.

Com o antimónio, passa-se o mesmo. Conseguiu-se envolvê-lo nas suas duas valencias em moléculas orgânicas complexas, tornando-o quasi atóxico, sem lhe roubar as qualidades quimioterápicas.

Consegue-se hoje, a modo do que se faz nas fórmulas farmacêuticas, modificar a molécula de determinados corpos; às custas de alcoilas ou arilas, corrigindo-lhes efeitos nocivos ou potencializando-lhes a ação.

As ureidas e os barbituricos provam-no de sobejo. Dentre inúmeros, destacamos o pentotal, por mais novo, que de efeito inteiramente diferente do luminal, simplesmente porque se substituiu o oxigênio da malonirureia pelo enxofre, aproveitando-se também as qualidades organo-decursoras do radical butila.

Transformam-se assim hipnóticos de ação prolongada, ca-

racterística dos comuns barbituricos, em anestésicos de ação rápida. O Pentotal foi um colaborador eficiente na vitória das Nações Unidas.

As hidantoinas como anticonvulsivantes começam a ser utilizadas e com resultados, ao que se diz, verdadeiramente surpreendentes.

No campo dos antissépticos ou desinfetantes, quer internos quer externos, o desenvolvimento não foi menor.

Hoje já as sulfas cedem lugar às sulfonas. Aí estão o Amonal, o Amonal A, a Tibatina, a Sulfaiodina, e outros que associados às vacinas dão lugar a sinergismo potencial.

Dos antissépticos externos, ressaltamos o Metoxne, derivado de ácidos *alfanaftilacéticos*, fungicida seletivo, que destrói a germinação e o crescimento de certas ervas daninhas, sem exercer praticamente efeitos nocivos sobre os cereais.

E o Gammexane, abreviadamente designado por 666, devido ao número de átomos de carbono, hidrogênio e cloro, contidos na sua molécula, é cinco vezes mais poderoso que o já mundialmente famoso D. D. T. Salvou o Gammexane milhares de vidas na guerra do Pacífico, exterminando insetos transmissores de doenças tropicais.

Constitui ainda segredo de guerra a sua composição.

O Cetavlon é outro bactericida recentemente lançado pela Pharmaceutical Chemical, de Londres. Essencialmente constituído de brometo de amônio cetiltrimetilico, é de reação neutra ou levemente alcalina. Duas de suas múltiplas propriedades, deram-lhe supremacia sobre os similares nos hospitais de sangue: limpa com rapidez toda sorte de espurcicias da pele e é bactericida, mesmo quando em soluções muito fracas.

A sua atividade como desinfetante, supera de 10 vezes a do lisol puro, estando ainda toda a produção absorvida pelos

Corpos de Saúde dos exércitos Aliados.

Com a invasão da Holanda pelos barbaros nazistas e a ocupação das Índias Orientais pelos perversos japonezes, desapareceu do mercado mundial a quinina. Os soldados da ciência, no silêncio dos laboratórios, reativaram as pesquisas para a síntese da metil cupreina e, em junho de 44, William Doering, anunciava ao mundo científico a síntese do precioso alcaloide. Infelizmente a produção não podia ser industrializada.

Os intrépidos batalhadores não esmoreceram, sintetisaram a Mepacrine, na Imperial Chemical Industrie, da Inglaterra. Ao que se afirma, possui o novo produto propriedades quimioterapicas sôbre trofozoítas e gametócitos.

Verificou-se, no entanto, que os comprimidos de Mepacrine logo se dissolviam ou deterioravam na atmosfera umida das florestas tropicais. Tornava-se necessário, pois, um novo método de acondicionamento. Tentaram os peritos todos os materiais empregados até então, sem resultado satisfatório.

Foi ainda a velha albion que resolveu o importante problema, com o Politene plástico flexível, obtido pelo "craking" de oleos originados de hidrocarbonetos de cadeia mais longa e indivisível, jamais conseguidas por meios sintéticos. Magnífico resultado. Os testes demonstraram perfeita impermeabilidade a temperaturas que vão do gelo à ebulição, podendo os comprimidos de Mepacrine, protegidos pelo Politene, ficar submersos, mesmo em agua salgada, durante mezes, sem sofrerem a mais mínima alteração.

Na química do colesterol o desenvolvimento foi verdadeiramente surpreendente. Partindo-se do Ciclopentanoperhidrofenantreno, hidrocarboneto fundamental, chegou-se à síntese da Androsterona e das Desoxicorticoesterona, para não falar em outros menos importantes.

Dada a muito estreita correlação entre estes esteróis e os

corpos digitalicos, não é para duvidar que muito em breve as providências heterósidas sejam também sintetizadas.

No que tange aos simpaticomíméticos, a química industrial farmacêutica fez progressos apreciáveis. Os derivados da dioxifeniletanolamina e da oxifeniletanolamina, últimos simpaticomíméticos estudados por Jeanne Levi e Hamet, ao lado da dioxinorefedrina, o Corbazil, e da Sinefrina, tem contribuído para as pesquisas fisiológicas dos nervos adrenergicos.

A destilação destrutiva do carvão a 1000° origina mais de 500 subprodutos, cada qual mais precioso na indústria de guerra e farmacêutica.

Poderíamos prolongar, sôbre posse, múltiplos exemplos nesse sentido, mas curemos algo dos progressos nos domínios da Odontologia.

A Odontoiatria, tem sofrido as suas maiores transformações e conquistas com as grandes guerras que enlutaram o mundo. A prótese buco-facial tomou foros de cidade após o conflito de 14. Nos dias que precederam a guerra de que mal acabamos de sair, a prótese teve o seu arsenal verdadeiramente revolucionado. Os acrílicos estabeleceram uma era marcante nesta parte da Odontologia, que tem por objetivo principal a restauração das unidades dentárias perdidas, o que vale dizer, a reintegração à saúde e à estética.

Os compostos de cloreto polivinílico, plásticos termofixos, proporcionam composições adequadas para produzir restaurações flexíveis, com uma razoável aparência de vida.

E, notícia alviçareira, acaba de ser encontrado um sucedâneo para o famigerado motor. É um aparelho especial de ar comprimido, cujo jato é capaz de fazer o mesmo que fazem atualmente a broca e o motor.

A bela e encantadora ciência de Chompret, como as suas co-irmãs farmácia e medicina, tem, como vimos, tirado gran-

des vantagens dos cataclismos que ensanguentaram a humanidade, para, em tempos de paz, melhor servi-la.

Sentiram as ciências do curso médico as influências benéficas dos últimos progressos científicos.

Talvez destaquem-se entre as demais a Química Biológica e a Nutrologia. Esforçam-se os especializados por estabelecer um sistema alimentar que se ajuste a cada país e mais ainda ao mistér de cada qual.

Balaceiam as prótidas, lípidas e glucidas, de acôrdo com as calorias necessárias a cada profissão. Bem precisa o nosso Brasil desenvolver tais conhecimentos. Já se disse com carradas de razão que o brasileiro não sabe comer, talvez também por que não possa bem comer.

Os ácidos aminados, os últimos recentemente descobertos e os outros conhecidos, subiram de importância na estrutura fundamental do nosso organismo.

Sem nos estendermos no campo da vitaminologia, lembraremos tão só recentes aquisições sôbre o aproveitamento das vitaminas do grupo F e da Piridoxina. A endocrinologia caminha a largos passos. Novas funções são apontadas para a hipofise, e a lipocaica, outro hormônio do pancreas, trouxe novas luzes ao metabolismo das lípidas.

A Farmacologia muito ganhou no tocante ao sistema nervoso vegetativo.

A hipótese dos transmissores químicos imaginada por Lewis e confirmada por Cannon e Bacq, abriu rumos diferentes na farmacodinâmica do vegetativo. O escape do ventrículo à excitação vagal, sem satisfatória explicação até aqui, foi, ao que parece, se não explicado, pelo menos interpretado pelo Prof. Paulo de Carvalho, cientista patricio, que baseou a sua hipótese sôbre os transmissores, comprovando-a com a técnica de Lewis modificada.

A cronaxia nervosa e muscular, estudada pelo casal Lapique, revolucionou as clássicas concepções de Claude Bernard, sobre os fenômenos de curarização. Também os fenômenos de inibição e de facilitação no sistema nervoso central e periférico, exaustivamente analisados por Miguel Ozorio de Almeida, modificaram em parte a farmacodinâmica da estriquinina e outros excitantes do eixo cerebro-espinhal.

Muito em voga estão as chamadas unidades biológicas, tipo nefronio e eritronio, que, embora não estejam suficientemente individualizados, ajudam, todavia, a explicar o mecanismo de ação de determinados medicamentos.

Aproveita a terapêutica o evolver das matérias que lhe são correlatas. A observação foi a companheira inseparável da arte de curar, nos primórdios da medicina.

Nos longes da história, encontramos o homem observando o Ibis e o Hipopotamo nas práticas da enteroclise e da sangria, e aproveitando para si as ditas terapêuticas.

Da observação das cores de certas plantas com as apresentadas em alguns estados mórbidos, concluíram os nossos avoengos das virtudes delas em tais casos.

O miosotis era usado para a mordedura dos escorpiões e a matricaria e camomila para doenças do fígado pela ingenua razão de apresentarem a mesma coloração da pele dos hepáticos.

Em verdade devemos confessar que muitas vezes se acertou.

Bem diversa é, no entanto, a terapêutica nos tempos que correm.

Beneficiam-se os doentes com os anti-Bios, desde a já famosa Penicilina até as recentes Tirotricina, Estreptotricina, Actinomicinas A e B e a Piocianase. Muitas vidas foram real-

mente salvas por esses agentes biológicos e que estariam irremediavelmente perdidas. Devemos restringi-las aos casos indicados, para que não venham perder o prestígio.

A pretendida cura do Cancer está sempre na ordem do dia. Se por um lado continúa enigmática a sua etiologia, por outro, convenhamos, muito se alcançou quanto à terapêutica.

Grande distância medeia entre os modestos aparelhos de raios X de 25 mil volts e os últimos tipos de 100 milhões de volts, cuja descrição e utilidades nos foram magistralmente expostas pelo Professor Coolidge, quando de sua honrosa visita à Bahia e a esta casa.

Consegue-se, com essa super-voltagem, produzir, artificialmente, elementos radioativos.

O Ciclotron de Lawrence, o Betatron, o radar e os raios mitogenéticos, recentes conquistas nos domínios das radiações, mostram-se de eficacia jamais imaginada na cura dos neoplasmos malignos.

As esperanças que devisamos no aproveitamento terapêutico desses campos inesgotáveis da energética contemporânea, levam-nos às mais promissoras conjecturas na solução, talvez não muito recuada, de problemas que ainda desafiam a humana capacidade realizadora.

Não nos furtamos ao prazer de citar, no particular, o grande radiologista Lazaro Pablo: "Como um astro em um sistema astronomico, está o homem intercalado na eterna circulação das forças físicas da natureza. Move-se no Oceano de energias cinéticas, potenciais, químicas, térmicas, elétricas, actínicas e de gravitação, estando carregado com uma tensão de energia potencial própria, que continuamente se está transformando em outras modalidades de energia".

Os sistemas terapêuticos estão a sacudir poeiras antigas, libertando-se de tradicionais convencionalismos.

A homeopatia, genialmente concebida em 1810 por Samuel Hahnemann, e mantida nos mesmos princípios até bem pouco, começa a sentir um sopro de renovação. Os seus adeptos procuram nas novas concepções da química defeza às críticas sôbre as dinamizações. A do carvão, ponto nevrálgico, está talvez explicada com a valencia iontizavel do carbono.

Não negamos as grandes incoerências da terapêutica dos semelhantes. A lei da lateralidade não encontra apoio em qualquer teoria séria. Mas não podemos escurecer, nem ocultar que há, em verdade, muito nela que aproveitar. Os velhos e tradicionalistas homeopatas, arraigados fanaticamente aos princípios de Hahnemann, estão cada vez mais a ceder lugar aos novos reformadores que se denominam de neo-hipocráticos. São pioneiros da tal reforma Allandy e Jousset na Europa, Cavadias na Espanha e entrenós Paiva Ramos e Abrahão e Brikman e muitos outros.

Não podemos nem devemos prescindir do que nos fôr util na colaboração da homeopatia. Terminemos com estes extremismos estereis que só dificultam a cura dos doentes, nossa precípua preocupação.

Democratizemos a terapêutica, os extremismos e totalitarismos não teem mais razão de ser. Apliquemos os princípios democráticos à arte de curar.

IN MEDIO VIRTUS

Longa já vai esta arenga, mistér se faz termina-la.

Antes, porém, corre-nos a obrigação de um apelo a vos fazer, senhores estudantes.

Estudai, com o carinho e desvelo que tão sagrado officio vos merece.

Sabei que no estudo consciencioso e honesto, na ciência, em suma, encontrareis uma pouca da felicidade que se vos promete neste mundo.

Longe de falar dessa ciência que forja as armas da destruição, nos mesmos laboratórios em que se fabricam os medicamentos, que mitigarão as dôres da humanidade. A estas ciências, desgraçadas ciências, aplica-se rigorosamente aquilo do Fausto de Gothe: "Aumentando a tua ciência, aumentarás com ela a tua infelicidade".

Falamos da ansia do saber desinteressado, sem preocupação de exames, que busca a verdade científica acima de tudo.

Não vos deixeis impressionar pela afirmativa diabolicamente mentirosa de Rousseau em seu discurso, resposta à academia de Dijon: "As pesquisas científicas e artísticas nasceram ou da preguiça ou do vício. Aestronomia da superstição, a eloquencia da ambição, do odio, da adulação, da mentira, a geometria da avareza, a física da vã curiosidade, todas e a própria moral do orgulho humano".

Reflete-se, fielmente nesta palavra, o espírito de nihilismo, de liberdade desenfreada que perdeu a Revolução Franseza, em nome de cujos direitos foi sacrificado Chenier, porque não precisavam de poetas, e foi vítima Lavoisier, porque não precisavam de sabios.

Estudai, cultivai as ciências, porque elas, consoante o texto clássico, companheiras na viagem, confidentes no deserto, amigas na solidão, conforto nas penas, reforço na alegria, ornamento entre os amigos, e até arma contra os inimigos.

O trabalho, bem o sabemos, é rude, mas sofrei-lhe as durezas com sobrançaria. Vezes sem conto, sentireis a mente prestes a desfalecer, porém não cedais nem recueis.

Na peleja que pelejais, tão só os bravos poderão sair vi-

toriosos, tão só os fortes poderão cingir a fronte com o laureis do triunfo.

É com toda a razão que se repete ser o genio nada mais do que longa paciencia. No bom emprego do tempo, no emprego criterioso de todas as horas, achareis o segredo de que souberam os predestinados tirar benefícios os mais memora-veis.

Medí vossas forças, vêde o que suportam os vossos ombros, ponde mãos ao trabalho e levai a cabo tudo quanto vos propuzerdes. Nada de precipitações. *FESTINA LENTE* é a admoestação secular, e a pressa é inimiga da perfeição. Se tomarmos, acaso, da história universal e lhe percorrermos as páginas, encontraremos na Hêlade Gloriosa Apeles acusado pelos seus contemporaneos de produzir pouco e retocar nimamente os seus quadros. A esses porém, respondia, concisa e significativamente: "Pinto para a immortalidade".

No mesmo sentido, refere-nos ainda uma vez a história Grega que Alceste, dramaturgo rival de Euripedes, mofára deste, dizendo-lhe: "Em três dias ainda não fizeste mais de 3 versos, enquanto já compuz 100 no mesmo espaço de tempo". "É verdade, redarguiu Euripedes, os teus 100 versos, fruto de 3 dias de trabalho, morrerão e serão esquecidos, os meus viverão sempre".

Bem sabemos que a agitação da hora presente convida a tudo se fazer de afogadilho. Até mesmo o estudo, que hoje mais se faz por pontos que por livros. Reagí contra isso.

Presai vossos livros. Lêde-os, mas tende sempre em mira o velho proverbio: "Não leais os bons livros, lêde tão só os excellentes".

As estátuas, as pinturas, acabam-se, arruinam-se, a tudo destroi a pátina inexoravel do tempo.

Os pensamentos, as idéias, o livro enfim, resistem às intemperies das idades. Os grandes espíritos nos seguirão por toda a parte, porque o livro é, não há negar, umavoz que vive, uma inteligência que se escuta.

Razão tinha Ovidio, o elegante e desventurado poeta das Metamorfoses e Amores, quando, há milanos, profetizava: "Já terminei o trabalho, o qual, nem a ira de Jupiter, nem o fogo nem o ferro, nem o tempo, conseguirão aniquilar. Serei louvado pela boca das multidões e se algo de verdadeiro enceraram os presagios dos poetas, viverei por todos os séculos".

É que, senhores, possúe o livro a essencia da imortalidade.

Lêde, refletí sôbre as vossas leituras. Assimilai-as. Não vos contentais com a superficialidade dos pontos. Procurai observar. Sêde pessoais. Sêde vós mesmos. E então conseguireis tudo quanto tentardes.

E, quando anos a fio houverdes viajado pelo campo das ciências, perquirindo, experimentando e investigando, não vos convençais de sabios.

Rui, que na frase lapidar de Carneiro Ribeiro, é sempre igual a si mesmo, se é que às vezes lhe não é superior, já sexagenário, exclamava: "Estudante sou. Nada mais. Mau sabedor, fraco jurista, mesquinho advogado, pouco mais sei do que saber estudar, saber como se estuda e saber que tenho estudado. Nem isso mesmo sei se saberei bem".

É que, meus senhores, o horizonte das ciências é vasto, imenso, ilimitado e quanto mais dele nos aproximamos, tanto mais de nós se afastará.

Por todos estes motivos, alunos que nos ouvís, é a vós que nos dirigimos. Amai com vivo e profundo amôr os vossos livros, esses amigos dedicados de todo o dia, de toda hora e de todo momento.

Não deixeis extinguir a chama do vosso ideal.

Lembraí-vos do pensamento justamente celebre de Joubert: "Não há luz nas almas em que não há calor".

Sacrificai-vos, se se tornar necessário o sacrifício. O presente é de grande responsabilidade e está a pedir-nos devotamento sem restrições.

Sêde benvindos, senhores estudantes!